

## AMOR E SOFRIMENTO: UM ENFOQUE NA DEPENDÊNCIA AFETIVA

*Andréa Marçal Santos<sup>1</sup>*  
*João Camilo de Souza Junior<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo aborda o amor e o sofrimento amoroso sob o olhar da Psicanálise, buscando compreender as razões que levam o sujeito ao sofrimento diante do rompimento amoroso e ainda propondo uma reflexão sobre a dependência afetiva. Para tanto, ilumina-se a influência do mito do amor romântico estabelecido e promovido durante séculos a partir de um breve levantamento histórico-cultural do amor, além das contribuições de teóricos que exploraram o tema em seus estudos e teses. Optou-se por utilizar o método psicanalítico interpretativo a partir de uma revisão de literatura narrativa, utilizando como fontes de dados livros que abordam o tema. Os resultados encontrados indicaram que o fenômeno da dependência emocional e o sofrimento amoroso podem estar relacionados ao medo da perda do objeto amado que estaria por sua vez associado à dor narcísica. Encontrou-se, nesse sentido, por um lado, os vieses das histórias singulares de vida que permeiam e dão tom da forma como a “dor do amor” é experienciada e, por outro, a influência da cultura ditando contornos aos afetos e expectativas.

**Palavras chave:** Amor. Sofrimento. Dependência afetiva.

### 1. INTRODUÇÃO

Bowlby (1998), em seu livro “Formações e rompimentos dos laços afetivos”, definiu o comportamento de vinculação afetiva, como um conjunto integrado de comportamentos e julgamentos que visam não só a completude afetiva, mas também a obtenção de segurança pessoal. Para o autor, a pessoa a quem se ama é conhecida como figura de ligação, considerada aquela que fornecerá ao companheiro ou companheira, uma base segura em vários aspectos não só afetivos, como econômico, status, dentre outros. Geralmente aprende-se a amar dessa ou daquela forma a partir das relações sociais que estabelecemos dentro da cultura em que estamos inseridos, da qual somos sempre produtos e produtores simultaneamente.

Como qualquer outra experiência fundante humana, o amor pode trazer alegria e também pode concluir-se em experiências que geram dor, sofrimento, tristeza, raiva. Quando amar pode gerar sofrimento? E, principalmente, por que há pessoas que mantêm um relacionamento amoroso que causa sofrimento, podendo vir a se transformar em dependência afetiva? Que amor é esse que dói? Amar precisa doer? Qual a razão de tanta dor e sofrimento no rompimento de uma relação?

---

1 Pedagoga, Especialização em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção escolar, acadêmica do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Mário Palmério, Email: andrea.santos@unifucamp.edu.br.

2 Psicólogo, Professor Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, Email: joocamilo@unifucamp.edu.br

Ao longo dos estágios supervisionados do curso de Psicologia, através de oficinas terapêuticas e grupos de vivências, notamos que cada história de vida, cada demanda apresentada, eram panos de fundo para o tema do amor, dos laços afetivos, ora na dificuldade de criar vínculos, ora na dificuldade de romper um relacionamento ainda que este fosse insatisfatório, o que nos levou a iniciar as pesquisas sobre os laços afetivos e os vínculos humanos.

Na tentativa de responder a tais perguntas, o presente artigo produz uma incursão pelo histórico-cultural do amor, pautando historicamente como o amor divulgado socialmente constituiu e permeou o imaginário humano, na busca por vínculos duradouros e também sua ligação em diversos pilares culturais com o sofrer. Nesse sentido, tem-se por objetivo principal analisar os aspectos histórico-culturais e também a estrutura psíquica singular intrincada nas formas de amar utilizando-se para tal a leitura psicanalítica, refletindo-se especialmente sobre quando amor e sofrer estão intimamente associados, fatores que podem levar a dependência emocional afetiva.

Por fim, relativizaremos o ideal de amar, buscando identificar os fatores originários que levam à dependência, se conflitos que foram vivenciados são repetidos de alguma forma nos modos como se realiza vínculos, podendo eles portar carência e insegurança.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. O processo histórico-cultural de construção do amor romântico**

Costa (1998), em seu livro “Sem fraude, nem favor – estudos sobre o amor romântico”, afirma que a concepção de amor advinda de longa data pela sociedade ocidental é a de que o amor não obedece aos impulsos racionais do sujeito, sendo incontrollável pela força da vontade e amar e ser amado é então a garantia de felicidade plena. O autor também pontua que esses são preceitos que sustentam a crença amorosa em geral e problematizá-los torna-se fundamental para compreender como o amor está mais para uma construção social do que de um dom mágico praticamente inerente à condição humana.

Essa construção do que é amor está na maneira que as relações amorosas foram se transformando ao longo dos séculos. E todo o ideal de amor romântico, do século XVIII, contribuiu para todo imaginário sobre o amor e sobre a intimidade, ainda cultuado e buscado até hoje, segundo Giddens (1993). Para o autor, outras formas de pensar e sentir o amor, novas formas de intimidade foram sendo desenvolvidas também.

Uma das concepções de amor, o amor cortês vem do período histórico que se constitui pela presença da sociedade de corte, definida por Elias (1987) como a sociedade constituída pela exclusão do que não era nobreza, revelando-se uma sociedade altamente excludente pela etiqueta, isto é, bons modos, fineza, status social, poder de persuasão, barganhas. Trata-se de uma sociedade de exibição, na qual todos faziam valer as suas vantagens. A corte estava no nome espacial do dispositivo topográfico que representava todos que estavam em movimento. Portanto, a sociedade de corte foi a sociedade do pátio, onde o fenômeno não é o símbolo ou o requinte (visão de fora da corte) e, sim, a etiqueta (visão de dentro da corte), que é um mecanismo cênico de reiteração da diferença passível de ser visto como uma arte pessoal de conduta que expressa um domínio coercitivo de si.

Todavia, segundo o autor supracitado (1987), o uso da etiqueta possuía variações bastante significativas no que se refere ao agente utilizador, podendo ser um instrumento de superioridade e/ou de afirmação. A etiqueta foi usada pelo rei como meio de humilhação da nobreza, em que cada um encontrava a grandeza na pequenez do ato, sendo, cada um por si, algo irrelevante, uma vez que a relevância somente podia ser achada no conjunto, datada da segunda metade do século XVIII num contexto em que a cultura europeia era dominada pelos valores e ideais racionalistas do Iluminismo, valores estes que norteava as relações individuais, sociais, políticas e morais, bem como era enfase na ciência, tecnologia, no progresso dessas áreas.

As principais características desse amor cortês são: a relação de sofrimento com o amor e com a paixão, a tentativa laica de tratar o objeto de amor. A renúncia da posse do objeto de desejo carnal está relacionada a todo sofrimento. Pode-se dizer que as sementes da melancolia e do martírio que é amar, estão aqui presentes, devido às condições culturais que esse amor cortês, segundo Costa (1998), preparou nas condições culturais para a explosão do amor romântico posteriormente.

Ainda segundo Costa (1999), em seu outro livro “Razões públicas e emoções privadas”, foi fator importante para toda transformação desse período na tentativa de tornar laica as relações, na ruptura de algumas ideias mística católica, bem comum na tradição clássico-medieval, o enaltecer da figura feminina como objeto de contemplação e desejo, em substituição da imagem de Deus. Assim todo repertório sentimental foi bastante enriquecido, com uma nova linguagem, cheia de metáforas, que marcaria o romantismo mais tarde.

Num cenário de crise dessa sociedade de corte, o amor romântico emerge, como contraponto a toda rigidez de regras sociais, no modo de vida cortês, baseadas em exigências de civilidade, que

obrigavam os sujeitos a um controle maior de si. Costa (1998) destaca que para desfrutar de certas regalias e até manter suas posições de prestígio os nobres tinham que abrir mão de manifestar o que sentiam ou pensavam. A sociedade de corte ensinou os homens a serem requintados e a manter as aparências, sem dúvidas este foi o maior legado, até hoje, apesar das reações dos nobres atreladas aos ideais emergentes dos ideais de liberdade, então seria logo associado ao amor romântico a partir da segunda metade do século XIX.

Novos elementos então pontuam um reordenamento da vida emocional cotidiana, a partir desses novos elementos que o ideal de amor trazia. Elementos como um amor sublimado que tende a colocar em segundo plano o amor-paixão, aquele marcado pelo ardor sexual e tão condenado pela igreja. A pessoa amada é agora dotada de peculiaridades, que a fazem especial e a concretização desse amor torna a vida plena, completa. A figura feminina é enaltecida e idealizada, a que Costa (1988), chama de invenção da maternidade e criação do lar. Pois os papéis sociais passam a ser bem marcados, dando margem para o surgimento da esposa e mãe, imagem da mulher que reflete a divisão de gênero, afirmada nas atividades e nos sentimentos.

Giddens (1993) denomina como os “mistérios” da condição de mulher, incompreensíveis e atraentes aos homens, também criados a partir dessa atmosfera dual, dicotômica. Ele destaca que a maternidade é associada à feminilidade, tornando-se qualidades da personalidade feminina. Com isso a responsabilidade do amor é da mulher, compete à mulher despertar esse sentimento no homem, conduzindo o casal à perfeita plenitude. À mulher é atribuído o poder de encantar, sublimar, utilizando-se de todo artifício como o olhar, o sorriso, o toque sutil, o rubor da face e até o silêncio, as armas femininas estão no plano da beleza e da suavidade.

No livro “Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade” de Maria Rita Kehl (1998), a autora destaca que a ascensão da mulher no espaço público, no caminhar da história e sua conseqüente emancipação, isto é, com as mudanças na sociedade industrial, a mulher deixa de dedicar-se com exclusividade ao lar, à educação dos filhos e tarefas domésticas como ocorria anteriormente, inserindo-se assim em um novo contexto em que passa a se integrar no mercado de trabalho, adquirindo maior independência e autonomia no exercício da sua vida, provocou transformações no campo familiar que colaboraram para que o ideal de masculinidade fosse contraposto. E neste contexto exaltar os sentimentos e as emoções como sendo o que torna o homem digno, contra toda a hipocrisia e máscaras da sociedade, o fenômeno amoroso deixa de ter seu espaço e ser idealizado dentro das

concepções de liberdade e individualidade do Romantismo. Ela ainda pontua que deste conflito radical entre papel de gêneros, entre indivíduo e sociedade, culmina o surgimento do amor-paixão, que colocou a posição social, a beleza, como secundários diante da grandeza do que seria amor.

Os românticos do século XIX, segundo Costa (1998), desfrutavam da naturalidade da paixão. Agora o ideal de amor era o desejo de encontro de duas almas afins, era então de extrema importância achar o companheiro ideal, a outra metade da laranja ou popularmente falando: a tampa da panela. Fazia-se necessário escolher a pessoa apropriada e elevá-la a condição de sagrada. Amar seria a fusão com este ser tão sublime, anulando qualquer diferença. Mas esse encontro, essa fusão seria orientada pelo coração, pela conformação psicológica de cada um e não pelo destino. Um iria preencher o espaço interno do outro.

Porém, à medida que as diferenças entre a masculinidade e a feminilidade vão perdendo forças, surgem condições para o que Giddens (1993) chama de amor confluyente:

O amor confluyente é um amor ativo, contingente e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia de amor romântico. “A sociedade separada, divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que conta é o “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p. 72).

Assim um relacionamento baseado no amor confluyente pressupõe a reciprocidade na doação e no recebimento emocional. Os parceiros precisam estar em igualdade de condições para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro, o que os torna vulneráveis a esse outro. Os homens apresentam mais resistência a essa condição de vulnerabilidade.

Uma característica importante do amor confluyente ainda para Giddens (1993) e que o diferencia do amor romântico é a relação estabelecida com o sexo. O amor romântico e amor-paixão admitiram as relações sexuais entre os casais, mas é no amor confluyente que elas procuram ser bem sucedidas, visto que sentir prazer é fundamental para ambas as partes. Esse prazer recíproco ganha força para a satisfação do casal, segundo o autor, na busca de realização, são desenvolvidas e cultivadas habilidades sexuais por homens e mulheres. Contribuindo assim, para dissolução de estereótipos como os termos “mulheres respeitáveis” e “mulheres desfrutáveis”, este tipo de amor também não tem compromisso com a monogamia. A exclusividade sexual é negociada em benefício do relacionamento, isto é, só existirá se os parceiros a considerarem desejável ou essencial.

Este jeito de conceber o amor é ainda emergente, para Kehl (1998), boa parte dos relacionamentos até hoje no século XXI, segue o amor romântico, adaptado para a realidade de hoje. As mulheres embora não estejam exclusivamente associadas ao lar, ao espaço privado, ainda são vistas de forma contemplativa. Observa-se que o amor confluyente vai dissolvendo a ideia de que há mulheres para casar e mulheres apenas para relação sexual. A autora chama a tenção para o fato de que essa associação ainda existe, pois muitas mulheres temem ter relação sexual no primeiro encontro com medo do que o homem vai achar delas.

Giddens (1993) ressalta que o amor romântico ainda permeia parte dos relacionamentos, embora tenha sido reeditado devido às transformações nas relações sociais dos últimos dois séculos. Temos hoje sujeitos, segundo ele, que querem a liberdade oferecida pelo amor confluyente sem perderem a dose de eternidade e intensidade típicas do amor romântico. O autor diz perceber que de forma geral as pessoas querem um relacionamento, mas que poucos aceitam perder a individualidade, para ele, nunca se buscou tanto o relacionar-se e nunca houve tantos relatos de pessoas infelizes, insatisfeitas, incompletas, frustradas e ainda sedentas de relacionamentos.

Nesse sentido, amar nada mais seria do que estabelecer laços, mas também deixá-los frouxos, para que a vulnerabilidade não seja total e o sofrimento não seja tão grande no caso de um rompimento. Esse é o amor líquido de Bauman (2004), um amor baseado na constante atração e repulsão, um amor que traz a segurança ao sujeito, enquanto ser independente e auto-suficiente, mas que traz ansiedade e insegurança, por nunca estar com alguém inteiro, de não alcançar o prazer total, de nunca ultrapassar a barreira da superficialidade, de não gerar intimidade.

No livro “Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos”, Bauman (2004) revela seu descrédito no ser humano do século XXI, enquanto ser capaz de “se entregar por amor” e daí viver profundamente esse sentimento. Para ele o sujeito pós-moderno é fruto da modernidade líquida, marcada por relações fluídas, efêmeras, rápidas, e intensas, realizadas na livre e imediata sociedade moderna atual. Ainda segundo ele, os atores sociais da modernidade líquida temem a fragilidade do amor. O preço a ser pago parece caro demais para construção de um relacionamento amoroso baseado em ideais que ameaçam a integridade do sujeito em relação a individualidade, a liberdade, à redoma anti-envolvimento-profundos que se criou, quebrá-la é muito caro, não vale a pena.

Após este breve histórico não afirmaremos aqui que as relações amorosas estejam em falência, muito pelo contrário: nunca estiveram tão evidentes, visto que já se percebe a necessidade de busca de

padrões mais definidos, ante o descompasso de modelos emergentes e a velocidade de elaboração subjetiva da coletividade. Acreditamos apenas que os modelos românticos serão (ou estão sendo) desdobrados, conforme as próprias exigências históricas, assim como os modelos de subjetivação.

## 2.2 A paixão e amor na psicanálise

No livro, “Amor, desejo e Psicanálise”, Ana Suy Sesarino Kuss (2015), lembra-nos que a própria história da Psicanálise diz de uma história de amor e desejo, levando em conta a relação de Ana O. e Joseph Breuer. Sigmund Freud (1910) relata que a Psicanálise é em essência a cura pelo amor. Kuss (2015) ressalta que não é por coincidência que a Psicanálise permeia o Romantismo, pois é a partir da ideia romântica, da busca de uma unidade entre os amantes, que Freud vê nascer a Psicanálise. Neste contexto, enquanto o Romantismo sonhava com o retorno a uma época em que os homens seriam mais felizes e naturais, nas expressões culturais e artísticas, enquanto o Iluminismo acreditava em uma sociedade igualitária e racional, acreditando não fazer sentido as paixões desenfreadas e irracionais, Freud dava eco às duas vozes, instaurando a Psicanálise em uma terra, que segundo a autora, havia espaço tanto para a instabilidade humana (Romantismo) quanto para a racionalidade (Iluminismo).

A construção teórica empreendida tanto por Freud quanto por Jacques Lacan aborda o amor e os vínculos afetivos para se pensar o sujeito. Freud atentou-se ao desenvolvimento da sexualidade, ressaltando que bem antes da adolescência, a criança já é capaz de amar (FREUD, 1907). Ele não pensava o fenômeno amoroso como restrito à vida adulta, mas sim, na sua implicação na constituição da sexualidade. Já Lacan o evidencia a seu modo, ao defender que “O amor demanda amor. Ele não deixa de demandá-lo.” (LACAN, 1972, p. 12). Deste modo, Freud, tomou a articulação entre amor e sexualidade no cerne de suas considerações teóricas para a constituição de suas teorias. O amor que nos interessa aqui é o amor que se liga diretamente a sexualidade. Dizemos diretamente porque Freud diz que todo amor está ligado à sexualidade, porém no amor parental, no amor fraternal, essa sexualidade está recalcada, enquanto no amor ao qual tratamos aqui, ela não está.

No texto “Sobre o narcisismo: uma Introdução”, de Sigmund Freud (1914), a paixão amorosa é trabalhada como um dos meios para compreendermos o narcisismo, termo vindo do Mito de Narciso, utilizado para descrever a característica de personalidade de paixão por si mesmo. Para Freud, o narcisismo é uma condição fundamental para a construção psíquica do sujeito, representa um modo particular de relação com a sexualidade, um dos pilares da Psicanálise, pois organiza o desenvolvimento psicosssexual do sujeito e considera as diferentes energias psíquicas e formas de investimentos possíveis.

As pulsões definidas por Freud (1905) como o representante psíquico de uma energia que leva ao movimento, ou ainda uma espécie de demanda por ação que seria feita ao psiquismo cuja fonte seria o processo excitatório em um órgão. Fazendo aqui uma distinção entre a fonte da pulsão e o estímulo, sendo este último produzido fora do organismo e a fonte da pulsão dentro do próprio organismo e que essa pulsão, ao contrário do estímulo, não poderia ser eliminada, sendo, pois, contínua, e exigiria que o organismo lidasse com ela, são o que Kehl (1987) chama de matéria-prima de que se origina as paixões, em duas vertentes: Eros (pulsão de vida) e Thanatos (pulsão de morte).

Eros tem o objetivo de se ligar libidinalmente, fazendo laço entre o psiquismo e o corpo, os seres e as coisas, de acordo com Nasio (2007), sendo vetor erótico que impulsiona a vida humana ao contato, ao embate, com o outro e a realidade. É a sobrevivência do indivíduo, que deseja manter o organismo vivo, no estado de preservação e movimento da forma, Thanatos por sua vez busca essas mesmas coisas primitivas, mas enquanto Eros o faz sob a forma de contato com outro ser vivo, ele faz em seu estado de fusão inicial com o corpo materno. Em que o autor ressalta, as pulsões de morte desejam o desligamento e o retorno inelutável do ser vivo a tensão zero, ao estado inorgânico. É a busca pelo repouso e silêncio da morte.

Segundo Freud (1914), aprendemos a amar o outro porque dependemos dele para evitar a condição de desamparo na qual nos encontramos, assim o modo como a sexualidade se estrutura na infância fundamentará todas as relações de um sujeito em sua vida adulta.

Kehl (1987) nos remete a Freud (1920), “Além do princípio do prazer”, destacando que são as tensões constantes e dialéticas entre Eros e Thanatos. Ressaltando que ambas as pulsões buscam a mesma coisa: o retorno a um estado anterior prazeroso. Enquanto Thanatos busca o repouso, Eros busca o estado de fusão narcísica com o outro (representante da mãe, no inconsciente) que tem a promessa de abolir a confrontação cansativa e ameaçadora do mundo. O afeto para Freud, aparece entre os conceitos de pulsão

e angústia, ou seja, estado emocional que inclui os sentimentos humanos dos mais agradáveis aos insuportáveis, e acompanha o homem do nascimento à morte.

A que Freud (1914) chamou de narcisismo primário, isto é, um momento em que a situação psíquica das duas pulsões estavam em uníssono, mescladas, ligando o sujeito ao sentimento de que se é um com a mãe, de que ele é tudo o que a mãe deseja e a mãe é tudo o que ele deseja e que se rompe quando o desejo da mãe se move para outro lugar, como o pai, por exemplo. A impossibilidade de manutenção do estado narcísico, a psicanálise chama de castração, que expõe a incompletude do sujeito diante do mundo.

Castração, como um conceito psicanalítico, pontua Ferreira (2004), não deve ser confundido com o sentido corrente: cortar ou destruir os órgãos genitais, impedir, anular ou restringir eficiência do outro, reprimir. Todos esses significados são opostos ao conceito de castração em psicanálise. O processo de humanização do ser falante se caracteriza pela inscrição no mundo dos símbolos, o qual só existe porque há a linguagem. “Processo de humanização” se torna então sinônimo de constituição de uma estrutura psíquica, que é formada pelo simbólico (universo da palavra e da lei), pelo imaginário (campo do sentido e da imagem corporal) e pelo real (registro do impossível). Castração, então, deve ser entendida como a inserção do real como representante do impossível nessa estrutura psíquica.

De acordo com Freud (1914), a castração representa a saída para o narcisismo da criança e todas as situações vividas por ela com as demandas pulsionais e com as formas apaixonadas que essas pulsões vão adquirindo são revividas na paixão amorosa na vida adulta. A passagem do ego real ao ideal de ego indica a formação de um objeto fantasiado que será agora alvo do investimento libidinal. O ideal do ego é colocado por Freud como tendo a função de um detector no contato com a realidade.

Kehl (1987), diz que a realização desse ideal, que se formou na perda do ego real na fase desse narcisismo primário, se apresenta como uma projeção, ou uma construção imaginária de um ego sem falhas. Na fase adulta, esse ideal de ego é aberto a alteridade, o que leva o ego a reconhecer deficiências e a buscar fora de si um ideal, que funcionará como apelo, segundo a autora, e não como exigência, que se fará presente nas buscas e procuras do sujeito, conduzindo sua caminhada, mesmo não tendo a certeza de encontrá-lo.

Lacan (1956) aponta que na Castração, há uma falta fundamental que se situa, como dívida, na cadeia simbólica, da frustração, a falta só se compreende no plano imaginário, como dano imaginário. Na

privação, a falta está no real. Assim a privação trata-se de um objeto simbólico, na frustração de um objeto real e na castração o objeto é imaginário.

Simbólico, imaginário e real, explica Kuss (2015) são os três principais conceitos na Psicanálise de Lacan, o registro do simbólico é o lugar fundamental da linguagem. É a relação do sujeito e o grande Outro (Inconsciente), ele descreve a linguagem como simbólica, já que é por meio dela que o sistema de representações se manifesta baseado em significantes. É por meio do simbólico que o sujeito refere-se a si mesmo ao usar a linguagem. Já o imaginário é um registro psíquico correspondente ao ego (eu) do indivíduo. O indivíduo busca no Outro (pessoas, amor, imagem, objetos), uma sensação de completude, de unidade. No entanto, o Outro não existe para desenvolver a imagem que o ego deseja ser sustentado. Por último temos o real, aí surge uma dúvida, o real é o registro psíquico que não deve ser confundido com a noção de realidade. O real é o inominável, é o impossível, o real escapa do desejo, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável no sujeito.

A partir desses apontamentos passaremos ao tópico da dependência afetiva que faz relação ao amor e o desejo nos regimes da privação e da frustração.

### **2.3. Dependência afetiva**

A saída da fase do narcisismo primário é de grande importância para a constituição do ego e como o sujeito irá se relacionar no futuro. A castração marca a passagem do ego real, para o ego ideal.

Freud (1914), ressalta, porém que o ideal de ego constituído impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, fazendo com que alguns deles sejam rejeitados por seu detector como incompatível onde não se formou o ideal. “Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras – isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo felicidade.” (p.17).

Partindo desse conceito sobre a busca do sujeito pelo ego ideal, Freud coloca a paixão amorosa como sendo uma revivência das relações primárias do sujeito infantil, numa tentativa de reviver as impressões experimentadas. Ferreira (2004), diz que estabelece então, dois caminhos que se abrirão ao sujeito nas escolhas de seus objetos amorosos: a escolha por apoio e a escolha narcísica.

No primeiro caminho, o sujeito escolhe seus objetos de acordo com as pulsões do ego, ou de autoconservação, tendo os objetos como modelo a satisfação das necessidades vitais, foram inicialmente

supridas pela mãe. A autora afirma assim que a paixão é marcada por essa história que se iniciou nos primeiros dias de vida da criança. Constitui na tentativa de restaurar o gozo resultante da ilusão de um encontro pleno. É a paixão pelo homem que protege ou pela mulher que alimenta (FREUD, 1914).

No segundo caminho, a forma narcísica de amar, o objeto de amor nada mais será que um espelho, onde se reflete a imagem daquele que não é capaz de amar senão a si (seu ideal de ego). O sujeito busca, ainda segundo Ferreira (2004) no outro uma imagem de si, imagem idealizada, na qual se busca aquilo que se foi ou que se perdeu, ou ainda aquilo que se gostaria de ter sido (FREUD, 1914 apud FERREIRA, 2004).

Assim o objeto da paixão amorosa do sujeito é investido de acordo com as relações desse sujeito diante dos seus ideais narcísicos e nele são procuradas perfeições que não se tem ou que se deseja ter. O sujeito projeta no outro o seu ideal de ego. Amar coloca em cena o desejo relacionado à falta. Nesse sentido, amor e desejo sexual são diferentes, o que não significa que sejam excludentes, conforme Ferreira (2004). Nada impede que um objeto seja amado e cobiçado sexualmente. Quando se ama, o que está em jogo é a suposição de um ser — riqueza interior — no outro. Assim, o desejo, ao contrário do amor, faz parte da estrutura subjetiva. Em função da marca fundamental dessa estrutura, que é uma falta radical, o homem inventou o amor e seus mitos. É a entrada na ordem simbólica que inaugura o desejo, diferenciando a espécie humana dos outros seres vivos. A partir dessa inscrição, o destino do homem é se deparar com interrogações sobre a vida, a morte e a diferença sexual e na melhor das hipóteses encontra respostas incompletas ou poderá apegar-se ao objeto amado.

Numa dinâmica narcísica, fixada pelo sujeito que busca no outro uma regulação também de ordem narcísica que não lhe foi possível administrar, o sujeito faz escolhas de objetos, escolha esta, do objeto passional que é conhecida pela famosa “cura pelo amor”, a que Freud (1914, p. 107) diz: “Podemos ficar satisfeitos com esse resultado, se ele não trouxesse consigo todos os perigos de uma dependência mutiladora em relação àquele que o ajuda.”

A partir daí que Freud explica o sentimento de dependência em uma relação passional e sua ligação com a diminuição da auto-estima e o medo do desamparo. O indivíduo tem sua auto-estima reduzida quando ocorre um investimento amoroso do objeto. Ressalta que isso se dá pelo deslocamento da energia narcísica do ego, que passa a ser investida no objeto, provocando uma relação de dependência e submissão na qual se coloca a paixão.

A relação amorosa, quando se instala no âmbito da dependência, envolve um caráter de domínio e de submissão em que ambos buscam uma forma de sustentação narcísica. Kuss (2015) destaca que o objeto é tomado como insubstituível e o desligamento dele implica uma perda de si. O sujeito ainda segundo ela, aceita a perda daquilo que o distingue e o diferencia do outro em nome do amor do outro. Isso pode ocorrer pelo medo da solidão e do desamparo, pois diante desse objeto que ocupa lugar do seu ideal do ego, o sujeito se vê diante de sua ferida narcísica. Temos então, a dependência emocional.

Fazendo distinção entre o vínculo que se faz na relação passional e a que se faz na relação de amor, Kuss (2005) esclarece que a primeira o objeto investido toma lugar de um objeto de necessidade, sendo assim importantíssimo para a sobrevivência psíquica do sujeito. Já no vínculo do amor, investi-se no objeto por puro prazer.

Daqui partimos para a diferenciação que Freud faz da diferença entre paixão e amor. A identificação é conhecida como a mais remota expressão de laço emocional com outra pessoa e é realizada antes de tudo nas figuras parentais, Freud (1921), ainda pontua que nesse processo, o ego enriquece-se com as características do objeto assimilado. Quando se trata do caso da fascinação e da servidão que envolve a relação passional, o ego empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu seu constituinte mais importante por ele.

Kehl (1987), nos esclarece que a diferença entre paixão e amor não é tanto entre dois estados separados como que em categorias diferentes, mas sim na passagem de um processo para o outro. O apaixonamento primeiro e depois a possibilidade do amor. Para ela a primeira fantasia que surge nas relações apaixonadas na vida adulta é a restauração de nosso narcisismo primário. A esperança de encontrar no objeto amado sua total plenitude.

A paixão seria um estado de êxtase acompanhado geralmente de uma profunda sensação de solidão e frustração, para a autora essa sensação pode surgir da incapacidade do sujeito em manter ou preservar o extase por longo espaço de tempo. Para ela só quando a paixão que esta mergulhada na fantasias sofre as primeiras decepções é que o amor pode se instaurar. Isto é a frustração inevitável da paixão amorosa que revive a decepção infantil que perde o posto de único para a mãe quando bebê. Dessa decepção pode ou não nascer o amor, da deslocação causada pela perda ou afastamento do objeto amado, de quem o sujeito passa a depender de maneira tão completa que sua falta faz tudo parecer um deserto e o apaixonado pode descobrir ainda para Kehl (1987) que tem condições de se mover neste deserto, se ele suportar a decepção fundamental de não formar um todo indissociável com o objeto de seu amor.

Há pessoas que se apegam tanto ao objeto amado que mesmo diante de uma relação afetiva insatisfatória, mantêm este vínculo, este apego aqui definido por Bowlby (1998) como o instinto de formar laços relacionais com outros objetos (figuras primárias de apego). Assim neste processo desenvolvem-se estratégias a fim de estabelecer a proximidade dessas figuras primárias. O vínculo é estabelecido pelo apego e é resultante do comportamento social de cada indivíduo através da manutenção da proximidade. Tem como característica essencial para a vinculação afetiva a proximidade de dois parceiros ou, sob o ponto de vista psicanalítico de Bion (1991), um elo sempre de natureza emocional. Bion ainda caracteriza ao conceito de vínculo qualquer função ou órgão que desde a condição de bebê esteja propenso a vincular objetos, sentimentos e idéias uns aos outros.

O próprio pensar em perder o objeto amado pode provocar uma dor muito grande, uma dor que Nasio (2007), em seu livro, “A dor de amar”, ressalta ser inconsciente, um enlouquecimento pulsional em que as demandas do sujeito não podem realizar-se, uma tensão entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, gerados não pela ausência do amado, mas pelos efeitos que esta ausência causa neste sujeito, pois a força de seu desejo fica privada de uma de suas fontes que era o corpo do amado, ou sua presença constante, o desaparecimento dos estímulos, que se refletiam no espelho psíquico quebrou-se, isso provoca a dor psíquica advinda do transtorno interno gerado pela desarticulação da fantasia do amado.

O medo da separação, para Bowlby (1998) está relacionado com a perda do significado da vida, da mutilação do Ego e da identidade nova que se deve formar. Ele denomina a separação como uma catástrofe do Ego por causa do desespero que pode se instalar e o medo do próprio ser se sentir ameaçado.

A dor vivida na separação é a dor narcísica, a dor da ferida do próprio ser.

### **3. METODOLOGIA**

Segundo Oliveira (1997), um método é um conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos. Caracterizado pela escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação sob estudo, o método científico, tem sua escolha baseada em dois critérios básicos: a natureza do objetivo ao qual se aplica e o objetivo que se tem em vista no estudo e, que neste caso foi pesquisar de que forma um sentimento como o amor, conhecido como sublime e virtuoso, pode ser também causador de dor e sofrimento (FACHIN, 2001).

Utilizamos-nos de material bibliográfico para pesquisa de informação sobre o tema abordado para definirmos e conceituarmos o mesmo, bem como uma discussão teórica entre os autores para que possamos elucidar através da Psicanálise os questionamentos levantados. O critério de inclusão empregado foram livros publicados entre os anos de 1905 a 2015, cujo os objetivos principais se referiam à investigação dos vínculos afetivos e da dependência emocional.

Quanto aos objetivos foram de caráter exploratório, visto que aprofundamos as ideias sobre o objeto de estudo, numa tentativa de explicitar o problema a fim de ressaltarmos a importância de conhecer o significado da dor de amar, sua origem e sua relação com os vínculos afetivos.

A metodologia científica em Psicanálise confunde-se com a própria pesquisa, ou seja, a psicanálise é uma pesquisa, como afirma o autor Nogueira (1997), defendendo a ideia de que a Psicanálise é uma experiência original e que, a partir de Lacan, podemos formalizar, com bastante segurança, a novidade dessa ciência. Para o autor, na obra de Freud nós encontramos a primeira formalização da pesquisa psicanalítica. Pontua que as cinco psicanálises que Freud apresentou (Freud, 1910/1976), os cinco casos clínicos que relatou em suas obras completas, pode-se entender como sendo a transmissão da pesquisa, isto é, a transmissão daquilo que é Psicanálise e seu método de investigação. Também aponta que nos “Escritos”, a principal obra de Jacques Lacan, no artigo “A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder” (Lacan, 1958), encontra-se um texto básico sobre a prática analítica, isto é, sobre a direção da análise, com algumas indicações da própria pesquisa.

Nessa direção, Dunker (2011) enfatiza que o método de investigação psicanalítica, fundamenta o método de tratamento, mantendo uma ligação de mútua utilidade prática e teórica. Ainda que diferentes um do outro, o ponto comum entre os dois distintos métodos é a transferência. O método de investigação é uma estrutura aberta, em função da heterogeneidade de fontes, pela diversidade de meios e pela comunicação com outros discursos e estratégias de investigação. O autor destaca que, nesta metodologia investigativa, é sustentada a temporalidade da escrita, já o método de tratamento exige regras próprias ao universo verbal da fala. A ligação entre os dois métodos localiza a peculiaridade epistemológica da Psicanálise de ser, ao mesmo tempo, uma forma de discursividade e uma ciência.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O conceito do amor tal como hoje o conhecemos atravessa vários séculos. O sentido do amor como algo bom, belo e verdadeiro tem forte influência nas noções propostas no Ocidente a partir da Grécia Antiga, sendo “O Banquete”, obra de Platão (1991), um representante de vários discursos sobre Eros, o deus do amor. Segundo Ferreira (2004), o amor está presente na natureza humana, partindo do pressuposto do mito grego, quando cada um, buscando a sua metade, influenciado por este mito do amor romântico, tenta de dois fazer um. Assim, somente os que procuram a sua metade arrancada do próprio corpo amam, e ao juntarem as duas metades, há maior possibilidade de sucesso. A autora ainda reforça que a mentalidade do amor romântico, tem na erótica platônica a sua fonte, ao afirmar que o amor é impulsionado pelo desejo, pela falta do objeto do desejo, pela nostalgia ontológica do objeto ideal perdido. E que encontrar este amor, a alma gêmea é, portanto, encontrar a felicidade.

O ideal de amor romântico foi grande influenciador nas mais diversas manifestações culturais e filosóficas ao longo do tempo. A partir do século XII, o discurso do amor se associa à dor, ao sofrimento e à promessa de felicidade, segundo ainda Ferreira (2004) advindo do mito do amor romântico.

Segundo Costa (1998), o amor cortês da Idade Média é predecessor do amor-paixão romântico. O sujeito romântico era aquele ser sensível, introspectivo, que sabia distinguir seu verdadeiro mundo interior da sedução e dos costumes da época. O culto desta forma de amar escondia a idealização descontrolada das emoções sensíveis, da relação paradoxal, da humanização do objeto amado, da aceitação de sentimentos considerados vis, tais como suspeita, ressentimento, ciúmes. Esses elementos deram contextos ao nascimento do Romantismo.

Giddens (1993), porém, ressalta que apesar do ideal de amor romântico profundamente enraizado no domínio masculino, visto que a figura da mulher estava associada ao lar e ao isolamento das coisas externas, o poder de sedução feminino vem trazer certa autonomia diante dessa privação. Na educação dada desde menina, na consolidação de amizades somente femininas, as mulheres eram levadas a desenvolver novos domínios de intimidade que, além de dar certo consolo e cumplicidade, permitiram uma liberdade do sentir e do falar em relação aos seus mais íntimos desejos e sentimentos. Já aos homens não foi permitida essa liberdade de expressão de sentimentos e emoções. Eram advertidos a reprimi-los e a não estabelecer laços mais íntimos com outros homens. O ideal de virilidade era associado à figura máscula, provedora, chefe da casa e isso não era compatível com choro, lamentos, confidências, nada que colocasse em check seu potencial dominador e a sua heterossexualidade, poderia ser externado.

Neste sentido a idealização do amor de que ele pode ser expresso de maneira clara e sem medidas por partes das mulheres, ainda se encontra expressa nos dias de hoje, influenciando ainda algumas pessoas no seu modo de exprimir sentimentos e emoções e até na maneira como cria vínculos amorosos. Inclusive quanto a promessa de felicidade plena se o sujeito conseguir encontrar sua alma gêmea.

O encontro da alma gêmea é vinculado de forma maciça como a solução para todos os males, e como o meio de acesso à singularização e à felicidade.

Em Costa (1999), lê-se que entre os séculos XVI e XVII há toda uma tentativa de deixar o amor laico, livre das determinações da Igreja sobre pecado e desejos carnisais. Pensa ele que o amor é movido por um desejo essencial que é o egoísmo e o amor de si, sendo estes pertencentes a constituição do sujeito. E que todos são egoístas e violentos. O amor é a face legalizada da maldade. O que há é apenas amor de si e a busca por satisfazer fantasias, paixões e desejos que eram tão proibidas, até de se pensar.

Giddens (1993) então aponta para o surgimento a partir do século XIX do amor confluyente, advindo do novo ideal de amor, pautado na escolha de um parceiro ou parceira ideal, um relacionamento de fusão na tentativa de preencher a falta.

A partir do século XX, movido pelas teorias científicas e filosóficas da época, o ideal de amor expressa toda uma renovação. Nega-se agora todo o idealismo romântico e se propõe uma análise objetiva dos fatos. A face oculta do dia-a-dia dos relacionamentos com todas as suas desilusões e decepções, tais como infidelidade, adultério, falsidade e egoísmo, será revelada. A individualidade será valorizada e os vínculos afetivos tendem a serem mais fluidos. Ao que Bauman (2004), denominou: amor líquido.

Caracterizado pelo imediatismo, pela instantaneidade, pela falta de intimidade e preservação da individualidade. O autor não vê possibilidades de existir um vínculo afetivo maior de entrega, renúncia, de demonstração dos sentimentos.

Notamos que entre as apontações de Giddens e Bauman, sobre o amor na atualidade há um enorme abismo. O primeiro autor é otimista, enquanto o segundo, um pessimista. Qual estaria mais próximo a realidade? O que significa amar nos dias de hoje?

Bauman (2004) destaca que os relacionamentos da modernidade líquida constroem-se no movimento de atração e repulsão, nos quais se ganha por um lado e se perde no outro, se analisarmos a história de amor e da intimidade, nas sociedades por um todo, não chegaremos à conclusão de que sempre foi assim?

Na época do romantismo, os casamentos eram para sempre, devendo as partes envolvidas conformar com a situação. Em compensação os homens encontravam prazer na contemplação das mulheres como objetos de desejo, elas se sentiam acariciadas e valorizadas pelas gentilezas e pelos galanteios da corte dos homens.

Mesmo quando as mulheres conquistaram direito ao voto no início do século XX, condição de cidadãs, o divórcio se tornou prática legal e cada vez mais comum, acabando com a ideia do para sempre, típica do amor romântico, causando também abertura no terreno masculino, pois aos homens foi permitida uma possibilidade de sentir, demonstrar emoções, sem que essa sensibilidade correspondesse a traços de homossexualismo, ainda assim, essa época também foi marcada por muito preconceito, de ambas as partes, além da famosa guerra dos sexos, isto é, uma disputa acirrada entre os gêneros, na qual feministas radicais defendiam que as mulheres eram superiores aos homens, dignas de dominarem o mundo. Ao mesmo tempo em que os homens não queriam perder seu espaço.

A fragilidade dos laços humanos na ansiosa e frenética modernidade líquida, na qual o amor pode ser rifado ou comprado como qualquer outra mercadoria está constatada na teoria de Bauman (2004). Porém acreditamos que ele precipita-se ao determinar essa forma de amar como incontestável e dominante. Ele é praticamente apocalíptico e incisivo em sua análise, não dando margem para relativizações.

Apesar das relações amorosas, assim como as relações sociais de uma maneira geral, como nos afirma Costa (1999), sejam refletidas pelos ideais de uma sociedade capitalista, consumista e globalizada, essas mesmas relações não operam a partir de ações e reações carregadas de alto teor racional, objetivo e claro como propõe Bauman (2004).

Concordamos com Kehl (1987) quando destaca que as pessoas são subjetivas e bastantes inconstantes no que diz respeito ao uso da sua racionalidade. Que somos racionais em terrenos emocionais também, o que torna difícil separar os dois impulsos e que é isso que torna a vida tão complexa e confusa, ainda que passível de compreensão.

Também quando diz que admitir a subjetividade e pensar que as pessoas agem no mundo na mesma maneira em que o mundo age sobre elas, significa pensar que existe um certo equilíbrio de forças guiando a vida em sociedade. Um equilíbrio relativo, pendendo ora para um lado, ora para outro, dependendo da situação em que se encontrar o sujeito.

No universo da dependência emocional há elementos subjetivos fundamentais, ligados à performance das pessoas e aos modos de manifestação da sensibilidade, que tomam forma de ciúmes, angústia, raiva, medo, que quando analisamos encaminham para uma possível compreensão do sofrimento amoroso.

Sufrimento este relacionado para Freud (1914) e Lacan (1972) à incapacidade do sujeito de tolerar a frustração, que é evidenciada pela proposta de manutenção do narcisismo, que aparece ainda segundo Kehl (1987) sob forma de recuperação ilusória da onipotência e negação da falta.

Podemos então dizer que o amor é visto como uma ameaça porque evidência a falta. Se é preciso se reconhecer faltante para amar o outro.

Kuss (2015), em seus estudos sobre o amor e desejo pontua que o amor é uma tentativa de resposta ao desejo, ao desejo de suprir a falta, ela pontua que em Freud o desejo está ligado à tentativa de retornarmos a um estado anterior, de satisfação plena com intuito de restaurar as primeiras satisfações na primeira infância, porém com Lacan fica evidente que esta satisfação anterior nunca houve, visto que o ser humano a ela renunciou ao adentrar na linguagem e assim humanizou-se, tornou-se desejanter. Para Lacan o ser só é humano porque uma linguagem o constituiu. “É a entrada na ordem simbólica que inaugura o desejo, diferenciando a espécie humana dos outros seres vivos.” (FERREIRA, 2004, p. 12).

Ela frisa que Lacan diz que é preciso perder para poder falar. A entrada na linguagem acontece por uma perda de gozo, ligada à castração. No Seminário 10, ele diz que “somente o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1962, p. 197). Assim, o amor, tal como a fala, nos implica em uma perda de gozo. Assim muitas pessoas mantêm um relacionamento mesmo que insatisfatório, numa dependência emocional, pois perder o amado, geraria uma dor como a de um luto quase que insuportável, um luto, conforme a preposição de Lacan revela ao enlutado que este era o objeto de desejo daquele que morreu e o seu desejo com relação ao desejo do morto leva ao sofrimento e à dor, isto é a perda do lugar de objeto e a perda do objeto imaginário. Em outras palavras, da imagem do sujeito que o outro tinha e que o permitia amar, ou a morte do eu ideal próprio da ligação de amor e desejo com a pessoa que desapareceu. Ocorre a perda do objeto pulsional – o som da voz, o cheiro da pessoa – que dava consistência a imagem do enlutado. Ao que Nasio (2007), denomina de dor de amar, uma ferida do laço íntimo com o outro que se rompe, uma dissociação muito bruta do que era uno, como uma imagem no espelho que se estilhaça.

De acordo com todas essas perspectivas, percebemos que a dificuldade em romper os relacionamentos amorosos insatisfatórios, pode advir do mito do amor romântico que difunde a crença de que temos que ter uma metade que nos completa. Kehl (1987) diz que as pessoas dependentes tendem a procurar de maneira obsessiva o amor, e quando encontram, sua dependência faz com que se liguem a ele, numa tentativa de preencher o vazio interior e angústia que esse vazio causa. Os mecanismos de defesa do ego podem, segundo a autora criar uma certa negação da realidade, reprimindo sentimentos e necessidades, que acabam alienando o sujeito, tornando-o cego para seus desejos, seu bem estar, minando sua autoestima.

Ferreira (2004), conclui que as dificuldades do sujeito em vivenciar e desenvolver os próprios sentimentos, de forma genuína, levam a uma permanência do vínculo, que não permite um olhar para si. Para ela a forma como este sujeito enxerga o amor, os vínculos afetivos, a forma como ele recebeu as influências culturais, como ele se coloca no mundo, aprendendo ou não com as experiências reais da sua vida, vão fazer a diferença, permitindo um contato saudável ou não com as crenças que lhes foram passadas.

A supervalorização do objeto amado, o apego a ele é evidenciado por Freud (1921) no livro “Psicologia de grupo e análise do ego”. Ele compara a submissão, o apego, a devoção do amante ao objeto amado à do hipnotizado ao hipnotizador. Destaca que o objeto amado é colocado no lugar do ideal do eu e apesar da perda ou do abandono do objeto amado, o investimento nele é mantido pelo eu, o que faz com que a separação seja vivida como se fosse um golpe que rompe as vísceras e atormenta a alma. Para Freud, a identificação com o objeto amado é definida como a forma mais primitiva e original de laços afetivos com o objeto de escolha.

Na escolha amorosa, pela via identificação, o objeto, por ter sido perdido ou abandonado, tem as suas propriedades incorporadas pelo eu.

Lacan (1966) elaborou a teoria sobre o estágio do espelho, em que a formação do eu e de suas instâncias ideais (eu ideal e ideal do eu), corresponde à fase objetal freudiana. Baseia-se na primícia de que aproximadamente aos seis meses de idade, quando a criança ainda não tem controle motor sobre o próprio corpo, realiza-se a primeira apreensão unitária do seu corpo. E essa captura da imagem produz grande satisfação, que unificada com o corpo inaugura o eu, introduzindo um segundo narcisismo (narcisismo secundário), cuja matriz imaginária irá presidir todos os ideais e todas as relações imaginárias de ciúme, inveja, rivalidade e agressividade.

Nasio (2007) considera a compreensão do termo estádio do espelho, concebida no terreno da teoria psicanalítica, como o meio de ligação do momento da construção do sujeito onde predomina a dimensão imaginária, com o momento que define um sentido específico entre a relação que o sujeito mantém com o outro nos princípios da construção subjetiva. O Estádio do Espelho mostra o momento da preparação da estrutura do sujeito, expondo assim a clara relação simbólica que o outro ocupa, e a maneira como o sujeito, em contato com o outro, ajusta sua imagem (ego ideal), tomando como referência o padrão onipotente do ideal do ego e a que o indivíduo e o outro estão suscetíveis.

Nessa função se inscrevem as modalidades do amor, ao que o autor denomina como projeções no espelho do eu. Afirmando que no rompimento amoroso essas projeções se quebram causando a dor de amar. “A dor de amar é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto.” (NASIO, 2007, p. 31).

Assim a ruptura de um laço amoroso, pontua o autor supracitado, provoca um estado de choque semelhante àquele desencadeado por uma violenta agressão física, a homeostase do sistema psíquico é rompida, e o princípio de prazer, abolido, levando portanto muitas pessoas a manterem o relacionamento afetivo insatisfatório, numa dependência emocional.

Diante das pesquisas apresentadas em como a Psicanálise se baseia e de como pode-se compreender e entender o sofrimento advindo do rompimento dos relacionamentos amorosos, dentro dos estudos teóricos, os principais autores os quais procuraram explicar as dinâmicas das relações afetivas Freud, Lacan, Nasio e Ferreira; todos chegaram a conclusões parecidas, mas com maneiras diferentes de apresentar este vínculo.

Em síntese, enquanto Freud (1914) se dedicou mais ao amor com a função de idealização, Lacan (1966) irá se interessar pelo amor com a função de sublimação, introduzindo na tradicional antítese sujeito-objeto (amante-amado) um terceiro elemento, que é o que está para além do objeto do amor: o nada, a falta, conforme nos elucidada Ferreira (2004).

Nasio (2007) dá sentido à expressão “pessoa do amado”, para designar a existência exterior do eleito. Pontuando que se é verdade que a existência fantasiada do outro é mais importante do que a sua existência exterior, não é menos verdadeiro que a primeira se alimenta da segunda, e que a fantasia inconsciente só pode desabrochar se o outro estiver vivo. O corpo vivo do eleito, seu corpo de carne e osso, que é fundamental porque sem essa base o substrato da fantasia daquele que ama desabaria e o

sistema inconsciente perderia o seu centro de gravidade. Ocorreria então uma imensa desordem pulsional, acarretando infelicidade e dor.

Se o sujeito conseguir tolerar a frustração do objeto ausente “é possível que esse espaço de falta se transforme num pensamento, e desenvolva-se em um aparelho para pensá-lo” (BOWLBY, 1998, p. 38). Porém o autor adverte que se esse sujeito não conseguir tolerar essa frustração poderá recorrer à fuga, como uma forma de não sentir ou até de reconhecer o sofrimento, a dor que pode ser gerada pela ausência do objeto. Neste sentido, ele afirma que poderá desenvolver uma fantasia vinda da percepção da realidade desprovida da experiência emocional correspondente, que ira confundir com o objeto em si. Pois para ele a vivência da ausência será o que permitirá a simbolização, o surgimento do desejo e o objeto poderá ser pensado mesmo que ausente.

Sem suportar a ausência do objeto, o sujeito não consegue simbolizar e não terá condição de agir, como os adictos de drogas, causando assim uma dependência, no caso, uma dependência emocional.

Eles utilizam-se do recurso da ação e não do pensamento para solucionarem suas questões. Não conseguem suportar a percepção interna da realidade, alucinam-se, interrompendo o princípio da realidade. Percebemos que o comportamento da dependência emocional pode ser compreendido como tentativa de negação das feridas expostas pela dor da falta. Tanta energia colocada nesse tipo de comportamento neutraliza as emoções, impedindo o processo de sentir, de olhar para si mesmo, de vivenciar prazer, levando esse sujeito a acreditar que encontrou recursos capazes de superar seus conflitos, dando falsa sensação de empoderamento, de onipotência e até megalomania, de poder e controle do outro. Mas ao notar a prisão ou ilusão que encontra-se angustia e sofre e repetem todo comportamento.

No texto “Recordar, repetir e elaborar” de Freud, ele afirma que “podemos dizer que o paciente não recorda alguma coisa do que esqueceu ou recalcou, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o sem naturalmente saber o que está repetindo.” (FREUD, 1914, p. 165). Isso valida a afirmativa de que o adicto/dependente é pura ação, que age sem pensar, sem refletir, sem utilizar o pensamento, porque ao não conseguir suportar a falta do objeto, não consegue simbolizar, tendo assim só condição para ação.

Essa pesquisa teve como problema saber por que sofremos por amor, por que um rompimento amoroso causa tanto sofrimento ao ponto do sujeito preferir em muitos casos, manter o relacionamento

afetivo, mesmo que este seja insatisfatório. Quem seria esse outro tão amado cujo desaparecimento inesperado provocará tanta dor, como se forma o laço amoroso e o que é a dor de amar?

Diante de tudo o que foi exposto até o momento, todo questionamento pode ser passível de respostas a partir dos estudos e teorias dos autores citados. Concluímos que a hipótese levantada a partir dos postulados do autor Nasio (2007), que ao perdermos o corpo vivo do outro, perdemos uma das fontes que alimenta a força do desejo que fazia laço, gerando assim a dor de amar, uma dor psíquica, que é gerada pela perda da pessoa do amado, do desmoronamento da fantasia que liga o sujeito ao objeto amado, do estado caótico pulsional, da supervalorização da imagem do outro desaparecido.

Soma-se ainda o fato de termos uma sociedade dotada de valores ambivalentes que dissipa em mensagens discretas e em outras bem explícitas, que amar é sofrer, que busca nos prazeres sensíveis toda a satisfação de uma existência, oferecendo formas ilusórias para livrar-se da dor e o mito do amor romântico que toma forma ainda hoje nas relações afetivas.

Percebemos que tentar manter um relacionamento baseado nos ideais do amor romântico significa se afastar da realidade dos fatos, numa tentativa de justificar a fantasia e ter validado o sofrimento, fazendo do sujeito prisioneiro de um modelo narcisista de relacionamento amoroso, em que a pessoa amada torna-se alvo da sua busca pela realização de um ideal do ego formado na infância.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, o cinema, a música ou até mesmo o espaço social a que estamos inseridos oferecem formas idealizadas dos relacionamentos amorosos, permeados, por exemplo, pelo mito platônico da alma gêmea, a metade perdida que nos corresponde. Auxiliados por Freud, poderíamos nos perguntar: será essa uma tentativa de driblar a natureza castrada da condição humana? Ser amado para alguns é um expediente tão poderoso que aceita-se de bom grado o preço que pode existir: a liberdade individual, o sacrifício de se oferecer como objeto àquele que acena com uma promessa de amor.

Na esteira de Jacques Lacan (1959), ainda no tema da relação entre castração e amor, poderíamos refletir a natureza da falta fundamental e a busca, a partir da fantasia de se (re)encontrar algo aprioristicamente perdido. Não há satisfação completa possível, porque a escolha amorosa é revestida de fantasia. Lacan dizia que, no sexo, são sempre quatro à cama: eu, o outro, a fantasia que faço do outro e a que ele faz de mim. Colette Soler (2016) lembra que uma análise pode fazer nascer um amor “mais

digno”, possível, um amor ateu, ciente de que a completude do casal é apenas uma miragem. Na dimensão polimorfa do desejo, cada um vai buscar o arranjo que melhor lhe serve - monogamia, poliamor, formar um casal.

No concerto das pulsões, o desejo é regente. Quando disse “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”, (LACAN, 1962, p.197) deixou claro que é a partir da experiência amorosa que alcançamos o desejo. Esse movimento implica a castração, posto que “se tão contrário a si é o mesmo amor”, ele também cobra seu quinhão.

Ora, o desejo dirige todas as demandas – seja de alimento, seja por amor –, mas está sempre para além de todas as satisfações, na medida em que a fome, por exemplo, enquanto necessidade só é parcialmente satisfeita. E a demanda de amor visa ao ser do Outro, aponta sempre para um Outro que está além de toda satisfação possível, visto que este Outro também é um ser desejante (não-todo) e ocupa um lugar na própria estrutura, advinda da infância, da criança, que é o posicionamento do sujeito diante dela (a mãe), portanto, ele visa o seu próprio ser – desejo do desejo do Outro – este que é visado no amor da mãe, conforme Lacan (1972).

Kehl (1987) lembra que a fantasia só poderá ser progressista quando aceita se deparar com a realidade, nesse sentido, a Psicanálise aponta para o que ela nomeia de desilusão realista, desilusão que nos coloca diante da real condição que somos: humanos, mortais, solitários, incompletos, faltantes. A análise como proposta psicoterapêutica pode ajudar na aceitação dessas condições humanas, buscando auxiliar no rompimento das fantasias que custam demasiadamente ao sujeito, e assim, talvez, não teremos amores ideais, poderemos na melhor das hipóteses, termos amores. Enfim entenderemos que amamos e desamamos, lá onde não sabemos.

**ABSTRACT:** This article approaches love and love suffering from the perspective of Psychoanalysis, seeking to understand the reasons that lead the subject to suffering in the face of a romantic breakup and also proposing a reflection on affective dependence. Therefore, the influence of the myth of romantic love established and promoted for centuries is highlighted, based on a brief historical-cultural survey of love, in addition to the contributions of theorists who explored the theme in their studies and theses. We chose to use the interpretive psychoanalytic method from a review of narrative literature, using books that address the theme as data sources. The results found indicated that the phenomenon of emotional dependence and love suffering may be related to the fear of losing the loved object, which would in turn be associated with narcissistic pain. In this sense, on the one hand, the biases of the unique life stories that permeate and give tone to the way in which the "pain of love" is experienced were found and, on the other hand, the influence of culture dictating contours to affections and expectations.

**Keywords:** Love. Suffering. Affective dependency.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BION, W. R. **Aprender com a Experiência.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991.

BOWLBY, J. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COSTA, J. F. **Razões públicas e emoções privadas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sem fraude nem favor: estudo sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DUNKER, C. I. L. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento.** São Paulo: Annablume, 2011.

ELIAS, N. **A Sociedade de Corte.** Trad. Ana Maria Alves. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** São Paulo: Saraiva, 2001.

FERREIRA, N. P. **A teoria do amor na psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

\_\_\_\_\_. (1910). **Cinco lições de psicanálise.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1907). **O esclarecimento sexual das crianças.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1905). **Tratamento Psíquico(ou anímico).** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Unesp, 1993.

KEHL, M. R. **A psicanálise e o domínio das paixões.** São Paulo: Companhia das letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KUSS, A. S. S. **Amor, desejo e psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.

LACAN, J. (1958). A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder. *In*: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 591-652.

\_\_\_\_\_. (1966). O estágio do espelho como formador da função do eu. *In*: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. (1956). **O seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. (1959). **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1962). **O seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1972). **O seminário, livro 20**: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NASIO, J. D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NOGUEIRA, L. C. **A psicanálise**: uma experiência original; o tempo de Lacan e a nova ciência. Tese – (Livre-Docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PLATÃO. **Diálogos**: O banquete; Fédon; Sofista; Político. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SOLER, C. **O que faz laço**. São Paulo: Escuta, 2016.